



Notas

¹ FABRIS, Rinaldo, *Os Atos dos Apóstolos*, Ed. Loyola, SP, 1991 (trad.), p. 205

² Assim também RICHARD, Pablo, in *O movimento de Jesus depois da Ressurreição. Uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos*, Paulinas, SP, 1999 (trad.), p. 99

³ É a cronologia geralmente admitida, supondo já redigido o evangelho de Lucas, posterior a Marcos e Mateus, estes, redigidos em 65 e 70, aproximadamente

⁴ MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco, *Pé no chão, sonho no coração. Círculos bíblicos dos Atos dos Apóstolos, 1ª parte*, CEBI, série "A Palavra na Vida" 160/161, São Leopoldo, RS, 2001, p. 133

⁵ FABRIS, R., na obra cit., p. 206, apresenta em quadro sinótico as sete cenas. Os já cit. MESTERS e OROFINO, como também Pablo RICHARD, preferem ver as sete cenas no cap. 10º, considerando 11,1-18 um texto à parte. Pablo RICHARD, aliás, fala num "tríptico", constituído por uma primeira e terceira partes, 9,32-43 e 11,1-18, refletindo ambas o ambiente das comunidades judeu-cristãs, da planície costeira e de Jerusalém, enquanto a parte central, todo o capítulo 10º, relata a fundação, por obra do Espírito, da primeira comunidade cristã de origem pagã

⁶ RICHARD, op. cit., p. 30, apóia-se em RIUS-CAMPS, Josep, *De Jerusalém a Antioquia. Génesis de la Iglesia cristiana*. Comentário linguístico y exegetico a Hch 1-12, Cordoba, Edit. El Almendro, 1989

⁷ É algo semelhante ao que encontramos no evangelho segundo João, no qual também "vida" (19 vezes) e "vida eterna" (17 vezes) designam praticamente a mesma coisa: cf PEREIRA, Ney Brasil, *Vida sim, Vida em abundância. O tema da Vida nos escritos de São João*, in "Encontros Teológicos" 29 (2000/2), pp. 23-34, especialmente p. 26

⁸ COMBLIN, José, *Atos dos Apóstolos, vol I (1-12)*, col. Comentário Bíblico, ed. Vozes/Sinodal/Methodista, 1988, p. 193

⁹ Id., *ibid.*, p.194-195

¹⁰ SAOUT, Yves, *Atos dos Apóstolos, Ação libertadora*, Ed. Paulinas (Paulus) 1991, trad., p. 239

¹¹ Ver toda a passagem de Mc 7,1-23 e paralelos, especialmente vv. 14-23)

¹² Cf, também em Mateus, a parábola do devedor implacável (Mt 18,23-35)

¹³ SAOUT, Yves, op. cit., p. 251

¹⁴ Por exemplo, na China e na Índia, nos séculos XVII e XVIII

¹⁵ Id., *ibid.*, p. 252

¹⁶ Ver acima, pág. 4-5



O autor reflete sobre a tarefa da teologia, na crise de sentido que atravessamos, uma crise, observa ele, em duas vertentes: tanto da ausência de sentido, como do conflito entre sentidos rivais. Começa, partindo da necessidade da Teologia e, a seguir, dos seus desafios: sociais e eclesiais. Entre os desafios sociais, lembra a ética ecológica, o diálogo inter-religioso, e a libertação dos oprimidos; entre os desafios eclesiais, aponta o rosto eclesial, o método pastoral, e a mística eclesiológica. Conclui, apresentando as contribuições atuais da teologia, que vem corajosamente assumindo as "brechas" da civilização humana, sobretudo ocidental, e fazendo "rebentar brotos" de vida e salvação.

Igreja e Teologia no Novo Milênio

Pe. Vitor Galdino Feller

Doutor em Teologia e professor no ITESC





Apresentação:

O presente texto foi elaborado para a Aula Inaugural, por ocasião da inauguração, em fevereiro passado, do *Studium Eclesiástico Dom Aquino Corrêa*, em Cuiabá – MT, instituto que servirá para a formação filosófica e teológica dos futuros presbíteros do Regional Oeste 2 da CNBB.

Foi também apresentado, com as devidas adaptações, no VIII Congresso Sul-Brasileiro da *Qualidade na Educação*, em Joinville – SC, em maio último, como mini-curso, com o título “*Ensino religioso numa sociedade planetária*”.

Introdução:

É voz comum, entre os que estudam ciências humanas, sobretudo filosofia, e, mais ainda, entre nós, pastores e teólogos, que nos debruçamos sobre as grandes questões que afligem hoje a humanidade, reconhecer que a crise mais fundamental que nosso mundo está enfrentando é a crise de sentido. Uma crise em duas vertentes: tanto da ausência de sentido como do conflito entre sentidos rivais.

Em ambos os casos, parece ser evidente que a tarefa da teologia é apontar para a superação desta crise. Mas, é impossível apontar para superações, sem a virtude da alegria e da esperança. De fato, para se poder refletir sobre graça e dom (o dom da revelação e a graça da fé), que se constituem como origem, sentido e fim de toda teologia, é mais que útil um jeito de viver marcado pela alegria. A alegria de ter encontrado aquilo/aquele que é o sentido de nossa vida. A alegria e a felicidade são o cerne da vocação do teólogo e fazem parte de nossa resposta à fome de sentido em nossa sociedade¹.

Esta alegria e felicidade não acontecem facilmente. São fruto da fé e do árduo trabalho de buscar a verdade, de lutar para entender, de alargar a mente. E isto numa sociedade que parece ter perdido a confiança na possibilidade de alcançar e experimentar a verdade. Em sua encíclica sobre a relação entre teologia e filosofia, entre fé e razão, o papa João Paulo II, logo no início, constata com inquietação: “A busca da verdade última aparece muitas vezes ofuscada. (...) Os resultados positivos alcançados (pela filosofia



moderna) não devem levar a transcurar o fato de que essa mesma razão, porque ocupada a investigar de maneira unilateral o homem como objeto, parece ter-se esquecido de que este é sempre chamado a voltar-se também para uma realidade que o transcende. (...) A razão, sob o peso de tanto saber, em vez de exprimir melhor a tensão para a verdade, curvou-se sobre si mesma, tornando-se incapaz, com o passar do tempo, de levantar o olhar para o alto e de ousar atingir a verdade do ser”². Parece vivermos sob teto baixo, com uma viseira sobre nossos olhos, uma nuvem que nos impede de ver mais, de buscar mais. Daí a obscuridade de nossos tempos. Nesse contexto, a beleza e o teste da vida e do ministério teológicos são a alegria e a esperança (*gaudium et spes*).

Como viver esta alegria, num mundo sem sentido, sob teto baixo que embaralha a visão das íngremes subidas e das doces consolações da busca da verdade? A resposta nos vem do grande teólogo Jesus Cristo, aquele que, sendo Deus e homem, conhecia a ambos e de ambos falava de modo único e irreformável. E todos sabemos que o lugar por excelência desse conhecimento e dessa proclamação foi a cruz. Por isso, podemos afirmar: exatamente nas linhas sísmicas do mundo, no olho do furacão, nas brechas que dividem os corações e os povos, que separam os sistemas políticos e econômicos, as religiões, as igrejas, as tendências teológicas, as opções pastorais, as diferentes concepções de fé e de Igreja..., precisamente aí, nessas brechas divisoras, se encontra o lugar teológico, onde reconhecer os vazios e conflitos de sentido e onde ao mesmo tempo apontar soluções e superações. Manter-se neste *locus theologicus* é manter-se na cruz teológica, para poder, só então e a partir daí, transformá-la em luz de ressurreição. Para produzir, das brechas da morte, brotos de vida. Como o Cristo que desceu, humilhou-se, despojou-se, aniquilou-se... e, por isso (insista-se, por isso), foi exaltado (*Fil 2,6-11*). Assim, o teólogo que vive esse despojamento e aniquilação, muitas vezes sem ele mesmo ver a luz no fim do túnel, abre caminho para as ressurreições que vão acontecendo dia por dia na história, seja da humanidade, seja da Igreja.

Porém, para que esse *locus theologicus* das brechas deixe de ser lugar de violências e divisões, de crimes e exclusões, de pecados de diverso tipo, que mancham diariamente as páginas de nossos jornais, os meandros de nossos corações e instituições..., e se torne lugar de alegria, de superação da crise de sentido e do conflito de sentidos, para que dessa brecha surja o broto da vida, a árvore da salvação, é preciso alegria e esperança. Como o Senhor que, apesar da angústia do horto das oliveiras, assumiu sua cruz com disposição de quem abre caminhos, dá vida, aponta soluções. Nós também, se quisermos trazer alegria e esperança para este mundo sem sentido e/ou



com sentidos conflitivos, precisamos estar nesses lugares de sofrimento e angústia. É ponto fulcral de nossa fé cristã: sem cruz não há salvação. Superando a estreiteza das ideologias estabilizadoras, das idéias estanques, dos posicionamentos fáceis, conservadores, mantenedores de um *status quaestionis* infrutífero porque isolado. Encontrando o Deus feito homem em cada ser humano que se nos aparece, em suas grandezas e misérias, graças e pecados, desafiando-nos sempre, para além de todas as nossas conquistas. Passando das brechas sangrentas e divisoras para os brotos que afundam raízes no passado e erguem-se para os lados e para o alto, até chegarem a produzir frutos para a vida do mundo. Enfim, assumindo a cruz e apontando para a ressurreição.

Por isso, se a alegria é a virtude cristã de todo fiel que acolhe a boa notícia da salvação em Cristo, mais ainda o será de todo teólogo, chamado a dar razões, para si e para os irmãos e irmãs de caminhada, da fé e esperança comuns. Mas, a alegria cristã não é apenas euforia, entusiasmo superficial, ôba-ôba festivo, fruto da satisfação imediata e egoísta das próprias carências, como fenômenos religiosos atuais insistem em apresentá-la, também no interior de nossa Igreja. Ela é alegria pascal, proveniente do assumir a cruz³, do entrar pelas brechas, do sofrer as esperas, do caminhar pelo deserto. Então, cabe ao teólogo encontrá-la e experimentá-la ali onde ela realmente se encontra. Na cruz.

1. A necessidade da teologia

Como vimos até aqui, parece ter ficado claro que a teologia é, como sempre foi, mas hoje mais do nunca, necessária, não só para as pessoas de fé, mas para todos os seres humanos que, simplesmente, pretendem viver como tais. Essa necessidade pode ser mais evidentemente verificada se constataremos, em nossa sociedade, dois grandes fenômenos humanos e sociais: o vazio e a espera⁴.

O vazio: A mudança de paradigmas que hoje experimentamos põe de novo a pergunta sobre o sentido, sobre o que é último e decisivo. Há uma falência das ideologias. Como resultado prático dessa falência e descrença, temos uma renúncia ao pensamento forte. Reforça-se o pensamento débil, pensamento a teto baixo, que, por sua vez, coincide com o pensamento único, do neoliberalismo materialista, fechado ao humanismo e à transcendência. Há preguiça para um pensamento forte, capaz de vencer as crises e cruces da civilização atual. Cultiva-se a decadência. Constata-se e lamenta-se o insucesso dos grandes mitos da modernidade: ciência e técnica, história e futuro, razão e subjetividade. Somos privados da paixão pela



verdade. Caímos num otimismo ingênuo. Verifica-se o triunfo da máscara, da bricolagem, da superficialidade, do nihilismo. Vivemos um tempo de naufrágio, não por causa da falta de um sentido último, mas pela ausência de sofrimento por essa falta. Perde-se o gosto de buscar as razões últimas do viver e do morrer humanos. Vulgariza-se a vida e a morte.

Diante desse vazio, a teologia pergunta-se: Como falar desse vazio sem ser moralista e moralizante, desumano, cínico, mesquinho, cítrico e exteriorista, como se isso não fosse comigo/conosco? Arriscamos uma simples resposta. Este vazio nos convoca a voltar sempre ao ser humano com a compaixão do coração solidário, a audácia do pensamento crítico e a misericórdia dos gestos consistentes. Com efeito, ao constatar as angústias e ameaças que rondam o espírito do ser humano contemporâneo, João Paulo II, em sua primeira Encíclica, observa: “Este homem é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento da sua missão: ele é a primeira e fundamental via da Igreja”⁵.

A espera/expectativa: Essa mudança de mentalidade aponta para uma luz no fim do túnel. Sente-se no ar e no coração das pessoas uma nostalgia do totalmente Outro. Busca-se o sentido perdido. Fala-se de retorno ao sagrado. Há uma redescoberta do outro, que, só pelo fato de existir, é razão de viver e de viver juntos, é desafio a sair de si, a viver o êxodo sem retorno do amor. É o que se percebe nos movimentos ligados ao voluntariado, aos direitos humanos, à justiça social, ao cancelamento da dívida externa dos países pobres, à paz entre os povos, à defesa da natureza etc. Não só se redescobre o outro, igual e diferente de mim, mas parte-se para a redescoberta do Último. No rosto do outro se entrevê o rosto do Último, o totalmente Outro, que chama ao encontro com o Mistério último. Fortalece-se o primado do apelo ético sobre a abstração metafísica da pré-modernidade, sobre a crença científica da modernidade, e sobre a renúncia nihilista da pós-modernidade. Há uma sede de horizonte último, de sentido pessoal, capaz de fundar o relacionamento ético como relacionamento de amor. Relações de amor, sonhadas e experimentadas, por enquanto em âmbito pequeno: família, grupos, comunidades. Mas, há um vislumbre, pelo menos em sonhos e utopias, de que esse sentimento de solidariedade, essa ânsia de fraternidade universal, tomarão conta das instituições e fenômenos sociais no novo milênio.

Diante dessa espera, a teologia pergunta-se: Como ampliar esse anseio, sem ser interesseiro, ingênuo, apressado? Sem forçar a barra para que todos encontrem a resposta imediatamente e do mesmo jeito que nós? Sem impor a verdade absoluta de Deus, contrariando assim o próprio sentido da verdade? Também aqui arriscamos uma resposta. Essa espera e expectativa estão a indicar que é necessário voltar sempre a Deus com a paixão do coração



convertido, a audácia do pensamento profético e a misericórdia dos gestos transformadores, a fim de “que cada homem possa encontrar Cristo, a fim de que Cristo possa percorrer juntamente com cada homem o caminho da vida, com a potência daquela verdade sobre o homem e sobre o mundo, contida no mistério da encarnação e da redenção”⁶

2. Os desafios da teologia

A partir desse vazio e dessa espera, podemos detectar desafios de ordem externa, provenientes da vida em sociedade, e outros de ordem interna, ligados à vida da Igreja.

2.1. Desafios sociais

Dentre tantos outros, lembramos apenas três desafios que a sociedade nos apresenta: uma ética para a conservação e defesa da vida, o diálogo inter-religioso e a libertação dos oprimidos⁷. Todos eles põem o ser humano atual diante da encruzilhada: viver ou morrer (*Dt 30, 15-18*)⁸.

Uma ética para a vida: Carece-se hoje de uma ética que nasce da necessidade de definir com clareza as razões do viver e do viver juntos, do empenhar-se pelo bem, não em vista do interesse que ele nos traga, mas por ele mesmo. Precisa-se de uma paixão pela verdade, que responda ao vazio de sentido, promovido pela falência das ideologias. Questões relativas ao valor da vida em si, tais como biogenética, aborto, clonagem, suicídio assistido, eutanásia, nos interpelam todo dia. A opinião pública, a sociedade e a Igreja e, nelas, o teólogo, devem estar atentos e vigilantes quanto às manobras das agências multimidiáticas coligadas ou até pilotadas por quem gerencia as escolhas nos campos da pesquisa e da produção. É urgente buscar e encontrar um critério absoluto e objetivo, em base ao qual se possa discernir o que é bem e o que é mal, para além de convencionalismos. Parece tornar-se cada vez mais claro que a solução está em retomar a relação da bioética com a moral heterônoma. Em que os valores não sejam ditados pelo egoísmo e pelo imediatismo, as duas raízes e núcleos de todo pecado⁹ e, por consequência, de todo caminho que leva à morte. Em que os valores provenham da relação com o outro, a sociedade, o pobre, e, enfim, com o Deus da revelação histórica. Trata-se de um desafio para filósofos e teólogos: os outros não podem ser medidos como produção do nosso pensamento, nem só como condição do nosso agir, como limite ou desafio da nossa liberdade e das nossas escolhas, mas como exigibilidade radical, fundamento do existir eticamente responsável, interlocutores da caridade evangélica. Caso contrário, a violência e a morte continuarão rondando todas as nossas atividades e determinando os critérios de nossa ação.



O diálogo entre as religiões: Diversos fatores puseram as religiões umas diante das outras: diminuição das distâncias, mobilidade populacional, turismo, comunicações, conhecimento. As religiões não são mais, umas para as outras, uma presença abstrata e distante, mas são interpelação sobre a própria identidade e sobre a capacidade de acolhida e respeito de umas para as outras. É urgente uma convivência pacífica e construtiva. Defende-se o abandono definitivo da tese exclusivista, porque eivada do pensamento autoritário, dominador, opressor. De igual modo, não se sustenta a tese pluralista, porque, ao contrário, marcada com o pensamento débil, de teto baixo, irresponsável, incapaz de diálogo verdadeiro. É preciso a assunção clara e responsável do inclusivismo, que traz precisamente em seu seio, ao mesmo tempo, a pretensão da unicidade e da universalidade da salvação em Cristo e a tarefa exigente do diálogo¹⁰. Sem o diálogo entre as religiões, não haverá paz no mundo¹¹. Sem esse diálogo, a morte continuará dominando sobre nossas relações e ceifando vidas.

A libertação dos pobres: Desafia à teologia, bem como à filosofia, o contexto social, político e econômico do Terceiro Mundo, onde povos inteiros sofrem por causa das opções liberais e neoliberais, da dívida externa, da corrupção política. Povos, a quem é negado o direito de existir, vivendo na sub-humanidade ou mesmo na não-humanidade, num sistema de dependência crônica, sustentada por mecanismos de opressão e exploração. Cabe, pois, à teologia promover a consciência dos oprimidos, anunciando-lhes a parcialidade da opção de Deus, o posicionamento de Javé como seu parceiro na luta pela vida. Um Deus que de baixo para cima, a partir dos pobres, como nos relata a Escritura do começo ao fim, convoca todos à conversão¹². É urgente mudar nosso discurso sobre Deus, falando dele a partir do sofrimento dos pobres: um Deus que não quer o mal (como na teodicéia latina), que não permite o mal (como na teodicéia grega), mas que luta contra o mal (como na antropodicéia jerusemitana), um Deus afetado pelo mal no mundo, do lado dos que sofrem e lutam pelo fim do próprio sofrimento e da miséria alheia¹³. É também urgente mudar nosso discurso sobre a religião, anunciando o fim de uma religião privatizada, individualista, que interessa aos mecanismos da opressão. Depois de os mecanismos perversos do mercado capitalista terem roubado o corpo, o sangue e o suor do povo trabalhador, agora querem roubar-lhe também a alma, o espírito, a religião. Querem impor uma religião sem compromissos, a religião da Nova Era, tão holística quanto individualista, tão universal quanto egoísta, fruto e expressão do pensamento débil, de teto baixo¹⁴. Por isso opressora, negligente com relação ao sofrimento físico. A teologia (e a filosofia) que prezam pelo verdadeiro discurso sobre Deus e sobre o ser humano anunciam que do reverso da história vem a salvação. Pode vir algo de bom de Nazaré? De um povinho rebelde e pobre e oprimido



como Israel? De um carpinteiro? De um crucificado, rejeitado? Toda a história da nossa salvação fundamenta-se numa resposta positiva ao escândalo dessas perguntas. Assim, hoje, a continuidade da fé depende de um posicionamento claro da Igreja e da teologia ao lado e a partir do sofrimento dos pobres, conscientizados de sua dignidade, fortalecidos com a fé em Cristo, reunidos em comunidades solidárias, empenhadas na conversão dos corações e na transformação da sociedade. Caso contrário, quem se responsabilizará pelas mortes que assolam diariamente nossas sociedades?

2.2. Desafios eclesiais

Além destes desafios de ordem externa, há desafios provenientes da vida interna da Igreja. Poderíamos apresentá-los também em três pontos: o rosto eclesial, o método pastoral, a mística eclesiológica. Também aqui poderíamos dizer que está em jogo o sentido da Igreja. Embora sua origem e meta, sua força e capacidade de revisão, dependam do mistério de Deus, ela poderá, em sua dimensão humana, vir a fraquejar grandemente, deixando de ser convincente e conveniente a grandes porções da humanidade atual e, com isso, atrapalhando, mais que ajudando, na edificação do Reino de Deus.

O rosto eclesial: A primeira grande questão – no âmbito eclesial – que a teologia hoje se põe é sobre a imagem da Igreja¹⁵. Pergunta-se sempre: Que Igreja queremos? Qual a Igreja de nossos sonhos? Que rosto deve ter a Igreja para poder aparecer, digna e transparente, conveniente e convincente, ao mundo de hoje, como o fez nos primeiros tempos?¹⁶ Na maioria dos textos teológicos e pastorais, sobressaem, entre outras, as seguintes características: ministerial, participativa, ecumênica, missionária, celebrativa, solidária, mística e mistagógica¹⁷. Muitas vezes esquecemos, porém, que estes nossos sonhos, ou estas características ou rostos da Igreja, poderão se realizar, posto que começemos, desde já e a partir de nossas ações e relações, a fazer esta Igreja acontecer. Muitas vezes reclamamos das instâncias superiores, de atitudes autoritárias ou omissas ou indiferentes de outras pessoas e grupos, insistimos em apontar os pontos escuros do mapa eclesial, mas não aproveitamos os espaços que temos, não fazemos nossa parte. Por isso, é mais conveniente e desafiante a pergunta: Que imagens de Igreja estão subjazendo à nossa/minha ação pastoral e evangelizadora? Na catequese e na liturgia, na espiritualidade e na relação com o mundo, no exercício da autoridade e na busca da comunhão, que rostos da Igreja estamos ressaltando ou queremos ressaltar? Aqui, há dilemas a serem resolvidos. Há antigas práticas que dificultam a concretude de um novo rosto da Igreja.

A metodologia pastoral: Também os métodos de ação pastoral e de evangelização da Igreja precisam ser revistos, para podermos nos apresentar



de modo adulto ao mundo de hoje. Com facilidade nos familiarizamos com planos pastorais. Mas, temos aprendido com a sociedade atual a preocupar-nos com uma evangelização de qualidade? Evidentemente, sem cair no pelagianismo do “eu sei, eu posso, eu faço”, temos que acreditar no Espírito Santo. Mas, ele confia em nós. Nossos planos de pastoral, nossos paradigmas eclesiais, não têm, muitas vezes, visibilidade: onde está a igreja das casas, das mesas, das famílias, das pequenas comunidades, das comunidades eclesiais de base, das redes de comunidades? Muitas vezes, nossas instituições e planos e orientações, refletem mais a onda moderna e pós-moderna do neopelagianismo, onde o ser humano pretende dar conta de tudo, até mesmo de sua salvação. Há uma defasagem entre planejamento e graça, instituição humana e dom de Deus. Acreditamos mais em coisas e projetos grandiosos, esquecendo a fidelidade das pequenas coisas. Nossa metodologia e nossos paradigmas nem sempre são claros quanto à proposta salvífica que vem somente de Deus Pai, por meio de seu Filho e de seu Espírito.

Por falta dessa preocupação com clareza metodológica e visibilidade paradigmática, abre-se espaço para a emergência de outro (falso) paradigma eclesiológico¹⁸, que mostra sua cara pela mídia e pelas práticas dos agentes midiáticos: uma eclesiologia mercadológica e terapêutica, que satisfaz necessidades particulares e imediatas (solução de crises afetivas, doenças, desemprego), sem a mediação da comunidade, sem compromissos comunitários e, muito menos, sociais. Uma metodologia que acentua o indivíduo e a massa, sem passar pela comunidade. Promove-se catarse coletiva, personalizando o agente (pop, estético, visual). Busca-se o milagre de Deus, não o Deus dos milagres. Querem-se as graças, as soluções, os dons de Deus, não a exigência de um compromisso com esse Deus. Uma religião de resultados! Uma Igreja de resultados e não de relações e compromissos! Está no ar uma metodologia que favorece um determinado paradigma eclesiológico, que segue o projeto neo-liberal, o qual, para superar sua latejante e cada vez mais patente crise, busca na religião, manipulando-a, a força de coesão e de convencimento da sociedade, a qual está em tensão permanente. Com isso, tornamo-nos ainda mais incapazes de criar um modelo alternativo de sociedade. Terminamos o século/milênio com a humanidade sendo incapaz de criar um modelo de sociedade que combine liberdade com justiça. Assistimos o capitalismo hegemônico, desdemonizado, com seus sintomas de fracasso, mas brilhando para uma pequena porção da humanidade e fascinando enganosamente o resto. Essa eclesiologia mercadológica em nada contribui para desfazer o acerto (além de fiscal, também religioso) entre o império e a periferia.

Por outro lado, como acreditar na eclesiologia comunitária dos Atos dos Apóstolos, na eclesiologia resistente do Apocalipse, na eclesiologia



pascal de Paulo e na eclesiologia mística de João..., se nos tiram o Deus da Vida e nos põem as Bestas do Império e do Mercado como centro de nossas atenções? Como pôr os homens e mulheres de hoje diante e dentro da Igreja proposta pela revelação bíblica, sem que nem eles/elas nem nós corramos o risco do recurso à sacristia, mas, precisamente por fidelidade ao Evangelho, enfrentemos, nas ruas e praças, os ídolos do mundo? Ídolos que, para poderem subsistir como tais, exigem o sacrifício de inúmeras vítimas. Como apresentar uma Boa-Nova que os/as leve, paradoxalmente, ao martírio?

A mística eclesiológica: Essas colocações nos levam a uma outra questão que a evangelização atual nos põe: a da espiritualidade eclesial que subjaz a toda tarefa evangelizadora. Que espiritualidade, que paixão move aqueles/aquelas que se dedicam à Igreja? Podemos dizer que há três tipos de espiritualidade que subjazem a três respectivos tipos ou modelos de Igreja¹⁹, que, por sua vez, arriscam três correspondentes perigos quando exacerbados:

1. A espiritualidade da Igreja comunhão mística, que se refaz às imagens próprias da Patrística: virgem, mãe, esposa, redil, lua, nave, barca. Tem seu interesse existencial condutor centrado na identificação do fiel com a Igreja, a qual por sua vez vive a relação esponsal com Jesus Cristo. Valoriza a mística da unidade, da esponsalidade, da comunhão dos fiéis entre si e com o chefe/mestre/esposo Jesus Cristo. Está presente em movimentos transnacionais. Corre o risco da espiritualização ingênua, alienada, ineficaz, triunfal da realidade eclesial-estrutural. Idealiza, diviniza demais a Igreja, em sua relação com a Cabeça. Não vê pecados na Igreja, não vê erros dos quais deva se corrigir. É o monofisismo eclesiológico, que identifica a Igreja com seu Senhor. Os seres humanos de hoje, que buscam o Deus vivo e verdadeiro, logo percebem os pecados da Igreja e esse tipo de espiritualidade não corresponde à sua busca de maturidade cristã.

2. A espiritualidade da Igreja como instituição se refaz às imagens próprias da Cristandade: baluarte, fortaleza, rebanho, triunfo, centro, poder. Tem seu interesse eclesial condutor centrado na autoridade e na obediência. Valoriza a integração, a identidade e o espírito de corpo. Está presente em espíritos carreiristas e, ultimamente e infelizmente, na exterioridade do clero jovem. Corre o risco da cristalização e da incapacidade para o diálogo numa sociedade secularizada. Vê a Igreja como sociedade perfeita, que dá conta, por si mesma, da salvação do mundo. Corre o risco do nestorianismo eclesiológico, porque separa demais a Igreja do seu mistério fundamental que é Deus e sua graça. As pessoas, hoje, ciosas que são de sua subjetividade, receosas de se fecharem numa instituição sacralizante e distante do mundo, não aceitam esse tipo de espiritualidade eclesial.



3. A espiritualidade da Igreja comunhão serviçal e missionária se refaz às imagens próprias do Concílio Vaticano II, das teologias modernas e da Teologia da Libertação: comunhão e missão, opção pelos pobres, rede de comunidades, diálogo e anúncio, serviço e profecia. Tem seu interesse existencial condutor centrado na espiritualidade do Deus dos pobres e do seguimento de Jesus de Nazaré. Valoriza o empenho na luta por uma sociedade justa. Está presente nas pastorais, comunidades e paróquias renovadas segundo o espírito do Vaticano II, dos documentos do episcopado latino-americano e dos escritos dos teólogos modernos. Porém, se não voltar sempre às fontes bíblicas e conciliares, corre o risco do ativismo e politicismo. Mas, é esse tipo de espiritualidade que, a nosso ver, tem oferecido fundamentos para o martírio e a profecia de muitos homens e mulheres que, em nossos tempos e em nosso continente, têm sido verdadeiros adultos em sua prática de fé.

Hoje se busca cada vez mais uma Igreja comunhão e participação, como comunidade a caminho do Reino de Deus, onde os pobres ocupem lugar de destaque. Mas, onde está esta Igreja? Puebla respondeu: a linha que separa a Igreja entre povo santo e pecador, empenhado e omissivo, libertador e opressor, comunicante e indiferente... passa pelo coração de cada um de nós²⁰.

3. As contribuições da teologia

Para não permanecermos unicamente nos desafios, correndo o risco de nos pormos numa camisa de força, que nos anule em nossas alegrias e esperanças, é interessante lembrarmos, ao menos a título de ânimo e entusiasmo, as grandes contribuições que a teologia cristã²¹, na interpretação da fé em Deus revelado em Cristo, tem oferecido à sociedade. Com isto, ela veio assumindo as brechas da civilização humana, sobretudo ocidental, e apontando luzes e fazendo rebentar brotos de vida e salvação. Que contribuições deu o cristianismo à cultura humana? Como poderemos nos aproveitar de caminhos já abertos para continuarmos fazendo teologia nos tempos atuais e futuros?

O que a fé cristã tem plantado e produzido nos corações e consciências não é possível averiguar. Mas as marcas que tem deixado na humanidade, sobretudo no Ocidente, podem ser facilmente comprovadas. Isso não é lembrado aqui em favor de triunfalismos estéreis, mas para provocar-nos a assumir as pegadas deixadas por nossos antepassados na aventura da fé cristã.

A primeira grande contribuição do cristianismo à humanidade foi a influência sobre a imagem do ser humano. Distinguindo-o de Deus e das criaturas, como imagem de Deus e responsável pela criação, o cristianismo



supera, ao mesmo tempo, a visão individualista da antiga cultura grega (cada ser humano fechado em si) e a visão anonimista das culturas orientais (o ser humano é anônimo, uma entre tantas partículas do universo), e vê o ser humano como ser constitutivamente relacional. Com isso, se aprende a exaltar a consciência, a liberdade e a dignidade humana, a construção da história, e a ciência e a técnica como saber e transformação do mundo distinto do ser humano. Aprende-se, sobretudo, a atenção aos pobres.

O avanço do individualismo, da globalização massificadora e da cultura do anonimato, leva à rejeição de toda essa herança. Para não perder essa riqueza espiritual e cultural, a teologia do novo milênio deve recuperar essa concepção do ser humano como imagem de Deus, o sentido de pessoa como ser de relações, a dignidade humana como critério absoluto de toda ética.

Outra influência diz respeito à concepção do tempo, como prazo, como festa, como história, como apressamento e encurtamento, enfim, como linear, isto é, provindo de um passado e apontando para um futuro, sob a responsabilidade de nossa ação pessoal e social. Não estamos fortuitamente no mundo, guiados por determinismos e fatalidades. Pelo diálogo que travamos com Deus e com os outros, vamos deixando marcas que fazem nossa história. Voltar a ela, qual mestra e viga do sentido de nossa existência, é condição para fugirmos do absurdo em que somos colocados pela dor e pelos reveses da vida.

O receio que as novas gerações têm em assumir sua liberdade com responsabilidade e disciplina, a dificuldade para analisar seu presente à luz do passado e em vista do futuro, e a fuga para o presente “sem crises”, estariam na contramão deste grande ganho de nossa civilização. Cabe à teologia do novo milênio resgatar a concepção linear do tempo, a responsabilidade pela história, a relação intrínseca entre passado, presente e futuro.

Uma terceira influência está na concepção e na prática do trabalho. Os monges medievais ensinaram a relacionar o trabalho com a oração, o repouso, a festa, o agradecimento. Sem essas instâncias equilibradoras, o trabalho vira escravidão, fardo ou meio desenfreado de ganância.

O trabalho aos domingos, com o suporte da lei, para satisfazer às ânsias do mercado e da globalização excludente, é apenas um exemplo da atual negação do cristianismo, em favor de pretensas adaptações à economia moderna. Com isso, corre-se o risco de retorno a antigas civilizações escravocratas e desumanas. Eis aí outra grande tarefa para a teologia das novas gerações: retomar essa relação entre trabalho e repouso, tarefa e dom, conquista humana e graça de Deus....



Um quarto item da relação entre teologia cristã e civilização humana aparece na relação do ser humano com a natureza. Desdivinizando a natureza, a fé cristã a liberta de seu conteúdo divinizante, do risco da idolatria. A natureza não é divina, não é intocável. Ela está aí para um relacionamento intersubjetivo com o ser humano. Como responsável pela ordem do universo, este pode torná-la ao mesmo tempo passiva e ativa. Passiva/pacífica, enquanto espaço de contemplação, de lazer e prazer, de reserva mística e de sacramento para o encontro com Deus. Ativa/ agente, enquanto transformada pela ciência e pela técnica em bens de consumo, para a alimentação e a segurança, a moradia e a saúde, a arte e a cultura do ser humano, enfim, partícipe da construção das civilizações. Sem isso, a natureza se torna divinizada, inviolável e idolatrada, não parceira, mas dominadora da consciência e da liberdade humanas.

Quanta idolatrização se percebe hoje no relacionamento do ser humano moderno com a natureza: consumismo, hedonismo, ganância, materialismo, panteísmo! Voltar, em nova ótica, mesmo com os avanços das conquistas ecológicas, à dessacralização da natureza, em favor da posse comum de todos os bens da terra... é condição de vida para todos, para o ser humano e a própria natureza.

A teologia cristã enriqueceu a civilização humana ainda com a concepção do Estado, libertando-o dos desmandos dos deuses e dos déspotas. Pondo todos os seres humanos, todos os governos e ideologias, sob o julgamento profético do monoteísmo, do Deus da liberdade e da igualdade, o cristianismo desfez, às custas de muito martírio e, mesmo, de contradições, o endeusamento do poder.

Refazer esse caminho, em vista da reconciliação entre os povos, da prática da autoridade como serviço, da responsabilidade ética de todos os cidadãos... eis aí uma tarefa para os teólogos dos novos tempos.

Por fim, no campo da arte, o cristianismo foi instância inspiradora e crítica, apontando sempre para a beleza da criação, da humanização de Deus e da glorificação do cosmos²². A teologia cristã apostou sempre na beleza da criação, através da concentração de seus três grandes dogmas, todos eles insistindo na relação entre Deus-Trindade e a matéria: Deus-Pai criador do mundo, Deus-Filho encarnado na história e Deus-Espírito renovador do cosmos. Desde Tertuliano e Santo Irineu, a teologia cristã lê a história da salvação a partir da matéria: *caro cardo salutis*. A carne, isto é, o mundo, o cosmos, a matéria é a dobradiça da salvação. Não há salvação fora do mundo. Como não há salvação fora da cruz, a qual é precisamente a consequência



natural e histórica da encarnação, o fardo de quem assume o mundo e seus conflitos. Por isso, a teologia cristã sempre defendeu a dignidade e a beleza da matéria. Mostrando, pela teologia, espiritualidade e ação pastoral, que não há salvação eterna sem passagem pela matéria do mundo e sua conseqüente cruz, o cristianismo é inspirador e crítico de toda obra de arte.

Retomar esse sentido de arte, numa época em que se faz apologia da arte-lucro, da arte-lixo, da arte-absurdo, numa época em que, mesmo em determinados fenômenos e movimentos eclesiais, a arte serve mais ao deus-mercado do que ao Deus da vida..., é uma provocação interessante para a tarefa teológica do novo milênio.

Conclusão

Concluindo como começamos. São muitas as brechas, vãos, abismos, cruces e crises, angústias e sofrimentos, violências e agressões... que estão aí diante de nós. Não para deles/delas nos afastarmos medrosos e inseguros, fugindo para o útero de nossas sacristias, cúrias, seminários e conventos. Mas, para as assumirmos, no mesmo estilo e com a mesma coragem de Jesus de Nazaré, que morrendo destruiu a morte, sendo crucificado foi exaltado, sendo rejeitado se tornou o recapitulador de todo o cosmos e o reconciliador de todos os irmãos e irmãs.

Se, assumindo as brechas, conseguirmos apontar luzes no fim do túnel, e fazer rebentar brotos de vida e salvação, ainda que simples e tenros e débeis, mais por causa de nossas misérias e limites, estaremos fazendo nossa parte. Esperando que o Espírito Santo, que renova a face da terra, que sopra onde quer, que reconstrói o que destruimos, que dobra o que é rígido, que aquece o frio, que costura e cura as feridas... e, enfim, sonda as profundezas do mistério de Deus, nos dê a graça permanente de sua presença e ação e nos faça sermos estudantes e professores de teologia alegres e esperançosos.

Endereço do Autor:

Rua Esteves Junior 447
88015-530 FLORIANÓPOLIS, SC
correio eletrônico: vitorfeller@mitra.arquifloripa.com.br



Notas

¹ RADCLIFFE, Timothy: *A alegre tarefa da teologia. Saudação ao Colóquio para a celebração dos 35 anos de Concilium*, em Concilium 287, Petrópolis: Vozes, 2000/4, 10-14.

² JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica "Fides et Ratio" sobre as relações entre fé e razão*, 14/09/1998, n. 5.

³ III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO: *A evangelização no presente e no futuro da América Latina. Puebla: Conclusões*, n. 278. Falando da Igreja como escola de forjadores da história, os bispos latino-americanos lembram "o que hoje tanto se cala na América Latina: que se deve libertar a dor pela dor, isto é, assumindo a cruz e convertendo-a em fonte de vida pascal".

⁴ FORTE, Bruno: *Teologia in dialogo. Per chi vuol sapere di più e anche per chi non ne vuol sapere*, Milano: Raffaello Cortina, 1999, 3-7.

⁵ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Redemptor Hominis*, 04/03/1979, n. 14.

⁶ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Redemptor Hominis*, 04/03/1979, n. 13.

⁷ FORTE Bruno: *Teologia in dialogo. Per chi vuol sapere di più e anche per chi non ne vuol sapere*, Milano: Raffaello Cortina, 1999, 7-16.

⁸ *Dt 30, 15-18*: "Veja: hoje eu estou colocando diante de você a vida e a felicidade, a morte e a desgraça. Se você obedecer aos mandamentos de Javé seu Deus (...), você viverá e se multiplicará. (...) Todavia, se o seu coração se desviar e você não obedecer (...), eu hoje lhe declaro: é certo que vocês perecerão!"

⁹ FELLER, Vitor G.: *Deus Pai e o sofrimento do mundo*, em Encontros Teológicos 26, Florianópolis: ITESC, 2000/1, 15-34.

¹⁰ DUPUIS, Jacques: *Introdução à cristologia*, São Paulo: Loyola, 1999, 189-222.

¹¹ KÜNG, Hans: *Projeto de ética mundial. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*, São Paulo: Paulinas, 1992.

¹² FELLER, Vitor G.: *A revelação de Deus a partir dos excluídos*, São Paulo: Paulus, 1995.

¹³ MUÑOZ, Ronaldo: *O Deus dos cristãos*, Petrópolis: Vozes, 1986, 131-137.

¹⁴ FELLER, Vitor G.: *Nova Era e fé cristã: mútua exclusão!?*, em REB 218, Petrópolis: Vozes, 1995, 338-364. IDEM: *A Nova Era: religião do Espírito?*, em Encontros Teológicos 18, Florianópolis: ITESC, 1995/1, 45-49.

¹⁵ BOFF, Clodovis: *Uma Igreja para o próximo milênio*, São Paulo: Paulus, 1998.

¹⁶ Ver o quadro comparativo entre a Igreja dos Atos dos Apóstolos e a Igreja de hoje, em CNBB: *Que novidade é essa? Uma leitura dos Atos dos Apóstolos* (Col. Ser Igreja no Novo Milênio), 2000, 87-88. Ver também da CNBB, *Projeto "Ser*



Igreja no Novo Milênio". Olhando para a frente, 2000.

¹⁷ Cf o objetivo geral, formulado nas "Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja em Santa Catarina (2001-2003)", CNBB – Regional Sul IV.

¹⁸ Ver Relatório da CNBB Sul IV: *Atualização das Diretrizes do Regional Sul IV*, com análise de Geraldo LOCKS, apresentada no Conselho Regional de Pastoral de outubro de 1999.

¹⁹ KEHL, Medard: *A Igreja. Uma eclesiologia católica*, São Paulo: Loyola, 1997, 22-35.

²⁰ III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO: *A evangelização no presente e no futuro da América Latina. Puebla: Conclusões*, n. 253.

²¹ MAIER, Hans: *Welt ohne Christentum – was wäre anders?* Recenseado por LIBÂNIO, João Batista, em *Perspectiva Teológica* 88, Belo Horizonte: CES, 2000, 415s.

²² FELLER, Vitor G.: *Jesus Cristo e a libertação das prisões religiosas*, em *Encontros Teológicos* 21, Florianópolis: ITESC, 1996/2, 11-24.



FUNDAÇÃO DOM JAIME DE BARROS CÂMARA

A Fundação Dom Jaime de Barros Câmara tem por finalidade manter o Instituto Teológico de Santa Catarina / ITESC e o Seminário Filosófico de Santa Catarina / SEFISC em vista da formação de presbíteros e agentes de pastoral (leigos e religiosos).

Observando a legislação pertinente em vigor, a Fundação Dom Jaime de Barros Câmara leva em consideração a realidade social do povo catarinense e projetos alternativos de transformação social, bem como os objetivos, diretrizes e orientações da Igreja Católica e os planos da CNBB em nível nacional e regional.

O tema deste artigo é palpante, agudizado por um lado pelos gestos eloqüentes do Papa e, por outro, pela publicação da Dominus Jesus. A eclesiologia ecumênica vê na reflexão da sua relação ad extra, com o "outro", social e religioso, um dos seus desafios mais prementes. O autor começa discutindo a "legitimidade de uma eclesiologia ecumênica", descrevendo depois os "dois grandes horizontes do diálogo": o pluralismo eclesial e o pluralismo religioso. Enuncia a seguir as exigências do diálogo com o "outro religioso", e mostra como se incorpora a sociedade no horizonte do ecumênico. Formula também "alguns princípios gerais para uma eclesiologia ecumênica", lembrando que "a Igreja não é apenas para ou do diálogo, mas é Igreja em diálogo". E conclui apresentando "passos concretos para uma eclesiologia ecumênica", ressaltando o caráter da koinonía como "a expressão fundamental da sua ecumenicidade".

Tensões inerentes à possibilidade de construção de uma Eclesiologia Ecumênica

Pe. Pe. Elias Wolff

Doutor em Teologia, professor de Eclesiologia, Ecumenismo e Graça no ITESC, e Ecumenismo no CINTEC (Cascavel-PR)

